

RESENHA

HEIDEGGER, Martin. *Fenomenologia da vida religiosa*. Trad. Enio Paulo Giachini, Jairo Ferrandin, Renato Kirchner: Petrópolis, Vozes, 2011. 1

Roberto S. Kahlmeyer-Mertens¹

RESUMO:

O texto é resenha da mais antiga preleção didática de Heidegger. *Fenomenologia da vida religiosa* (1921) testemunha a formação filosófica de Heidegger bem como os primeiros anos de contato com a fenomenologia da escola husserliana. O texto se ocupa de pensadores representantes da teologia e da filosofia antiga, como São Paulo e Santo Agostinho e trata de noções intrínsecas à metafísica e ao cristianismo arcaico. Do mesmo modo, Heidegger se atém a conceitos que posteriormente serão influentes em sua ontologia fundamental, como, por exemplo: o conceito de "indicação formal".

Palavras chave: Heidegger, metafísica, ontologia, fenomenologia, vida religiosa

ABSTRACT:

The text is a review of the Heidegger oldest didactic lecture's. *Phenomenology of Religious Life* (1921) shows the formation of Heidegger's philosophical as well as the early years of contact with the phenomenology of Husserl school. The text deals with thinkers representatives of theology and ancient philosophy, as St. Paul and St. Augustine and deals with notions intrinsic to metaphysics and Christianity archaic. In the same way, Heidegger discusses concepts that will later be influential in his fundamental ontology, such as: the concept of "formal indication".

Keywords: Heidegger, Metaphysics, Ontology, Phenomenology, religious life

Sob o título de *Fenomenologia da vida religiosa* temos alguns dos mais antigos textos de Martin Heidegger (1889-1976). Trata-se das primeiras preleções ministradas pelo filósofo na universidade de Freiburg (Alemanha) entre os anos de 1920-21 (e de outras não proferidas, datadas de 1918-19). Nesse período, Heidegger, que estava atavicamente ligado aos estudos de autores do medievo (não apenas por sua formação teológica iniciada no seminário de Freiburg, conhecido como *Collegium Borromaeum*, mas pela pesquisa filosófica que gerou seu trabalho de habilitação à docência dedicado a Duns Scoto), ainda almejava a cátedra de filosofia medieval cristã naquela universidade (pretensão posteriormente abandonada dado aos novos rumos que sua carreira ganharia na proximidade com Edmundo Husserl).

A publicação desses textos de preleção tem o significativo mérito disponibilizar ao estudioso de língua portuguesa textos anteriores à gênese de *Ser e tempo* (1927). Principal obra do filósofo, *Ser e tempo*, que foi gestado entre os anos de 1923-26, é a tentativa heideggeriana de uma retomada da questão do ser. Este projeto de uma ontologia fundamental é também integrado por três sub-projetos: hermenêutica da facticidade, destruição da história da ontologia e analítica existencial. Sobre estes, importa dizer que, em seu interior, pode-se

¹ Doutor em filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, autor de *Heidegger & a educação*. Professor Adjunto do Curso de Filosofia da UNIOESTE/Toledo, Paraná.

identificar elementos conceituais presentes nas preleções reunidas em *Fenomenologia da vida religiosa* (como ainda veremos aqui).

O texto inicial é *Introdução à fenomenologia da religião*. Trata-se da primeira preleção de Heidegger em Freiburg, pronunciada pelo filósofo durante semestre de inverno de 1920. Nesta, após uma introdução metodológica que busca delimitar os objetos (filosofia, vida fática e fenomenologia da religião) e a atual situação hermenêutica dos mesmos, o filósofo passa a tratar do tema de modo a tornar compreensível a maneira com a qual a experiência da facticidade humana estaria implicada à filosofia. Ali, Heidegger nos dirá que “a filosofia surge da experiência fática da vida” (HEIDEGGER, 2011, p.13), justamente como uma ruptura com a semântica de um mundo sedimentado apenas revelado à experiência da vida humana. A facticidade é, para Heidegger, o que exprime a situação do homem em seu mundo por meio de seus modos de ocupação. Nos termos do autor: “ela significa a plena colocação ativa e passiva do homem no mundo: vemos a experiência fática da vida apenas segundo a direção do comportamento que experimenta.” (HEIDEGGER, 2011, p.16) Do mesmo modo que apresentado aqui, o conceito de facticidade comparecerá na preleção *Ontologia: hermenêutica da facticidade* (1923), pensado como ponto de partida para a investigação fenomenológica.

Mais do que apenas fenomenológica, as interpretações que Heidegger faz da tradição cristã já conta com o matiz hermenêutico que o filósofo, desde 1917, traz de suas leituras de Dilthey (leituras que conjuga aos ensinamentos das *Investigações lógicas*, de Husserl). Assim, o que temos a partir do capítulo II desta primeira preleção, são as interpretações hermenêutico-fenomenológicas da filosofia da religião vigentes naquele período. Para tanto, Heidegger faz uma reconstrução das diversas tendências da filosofia da religião, englobando seus aspectos psicológicos, ontognoseológicos, históricos e ontológicos, tecendo, com isso, considerações críticas referentes a Troeltsch, Simmel e ao já referido Dilthey.

O capítulo IV dessa primeira parte é especialmente relevante, pois é nele que se introduz a temática dos indícios formais (*formale Anzeige*). Para o filósofo, são as indicações formais que orientam a elaboração dos conceitos, este que referenciam e expressam algo, no seu solo fenomenal próprio, de sorte que: “aquilo que o sentido formalmente indicado traz consigo constitui o horizonte no qual os fenômenos são vistos” (HEIDEGGER, 2011, p.52). Este conceito possui capital importância para a compreensão da fenomenologia, afinal, são esses indicadores que garantem a descrição e compreensão dos fenômenos sem que esta última se restrinja a uma inteligência lógica de seus supostos “conteúdos”. A publicação do texto em apreço, ao trazer a tematização dos indícios formais, permite ao leitor brasileiro distinguir esses elementos conceituais pertencentes ao método fenomenológico em obras já vertidas para o português (como é o caso da tradução de *Ser e tempo*, na qual a presença e importância deste conceito permanecem atenuados).

Uma interrupção abrupta nos coloca em contato com a segunda parte da presente preleção. Ao contrário do que se poderia presumir, esta descontinuidade do texto não se explica por uma das muitas lacunas que os editores alemães de Heidegger tiveram que enfrentar no ato de compilar os manuscritos e anotações de ouvintes para o estabelecimento desta no interior da *Gesamtausgabe*. Nos protocolos que Oskar Becker fez deste curso existe a indicação de que a preleção foi interrompida “por consequência de objeções de pessoas impertinentes, em 30 de novembro de 1920” (HEIDEGGER, 2011, p. 231). Hans-Georg Gadamer nos dá mais detalhes deste episódio em tom anedótico, segundo ele, a preleção era apresentada para um público majoritariamente composto por acadêmicos de teologia, estes começaram a ficar impacientes quando, passado o meio do semestre, acreditavam ainda não

ter visto satisfatoriamente a matéria de fenomenologia da religião, mas puramente a de fenomenologia. Muitos dos alunos se queixaram ao decano da universidade indagando sobre quando eles chegariam aos conteúdos de religião. Após ser notificado sobre a expectativa dos alunos, Heidegger alterou o plano do curso passando a interpretar diversas epístolas do evangelho de Paulo, em especial, a *Primeira epístola aos tessalonicenses*. Da maneira com que Gadamer relata, a escolha desse texto pareceu não se dever apenas ao fato de ele garantir o exercício de explicação fenomenológica de fenômenos concretos do cristianismo, tampouco apenas por ser o mais antigo e genuíno escrito da tradição cristã, mas por uma refinada ironia de Heidegger, já que nesta epístola Paulo diz: “Vós, porém, meus irmãos, não andais nas trevas, pois este Dia vos surpreenderá como um ladrão”(5.5). Ironia ou não, o fato é que, nesta parte da preleção, Heidegger, após uma breve reconstrução histórico-objetiva da época do evangelho de Paulo, aborda o conceito de “parousia”, em jogo em sua interpretação do cristianismo arcaico.

Na religião judaico-cristã, *parousia* significa a “vinda do Messias”, chegada essa que será preciso – com oração e vigilância – reconhecer quando ocorre, pois ela é discreta. Para o filósofo, tal fenômeno implica a experiência de realização da vida fática, deste modo: “o sentido com o qual a parousia se apresenta em minha vida, é o sentido que remete à realização da vida mesma” (p. 92). Vida fática, ocupação, expectativa e temporalidade são conceitos que povoarão a interpretação da *Segunda epístola aos tessalonicenses* e a exposição da experiência cristã originária da vida, que vêm em seguida.

O segundo texto do livro, *Agostinho e o neoplatonismo*, é a primeira preleção friburgense de verão, datada de 1921. Em sua parte introdutória, Heidegger tece considerações sobre a importância de Agostinho para a teologia medieval. Para o alemão, a teologia e a filosofia medievais repousam sobre a obra do bispo de Hipona. Ressaltando a importância dos debates que o pensamento agostiniano tem com as posteriores tentativas de apropriações das ideias de Aristóteles, além de sua influência sobre o luteranismo, Heidegger resume a doutrina agostiniana como: “*filosoficamente*, um platonismo de coloração cristã contra Aristóteles; *teologicamente*, uma determinada concepção da doutrina do pecado e da graça” (HEIDEGGER, 2011, p.143). O rigor dos exercícios fenomenológicos contido nessas páginas faz com que Husserl reputasse Heidegger um “grande conhecedor de todas as formas da teologia cristã”, esta apreciação (sem falar da influência que Heidegger terá sobre teólogos cristãos, como Guardini, Bultmann, Barth e Tillich) se endossa na atualidade com estudiosos como Matthias Jung, que vê na preleção em apreço o mais exato exercício de exegese teológica desenvolvido por Heidegger.

Ainda nesta introdução, encontramos uma exposição das concepções que autores como Troeltsch, Harnack e Dilthey têm da obra agostiniana. Dialogando filosoficamente com a interpretação desses pensadores, sob o ponto de vista da objetividade histórica, Heidegger torna a não poupar-lhes críticas (também Scheler recebe objeções). Passados estes primeiros parágrafos, que apresentam subsídios para o desenvolvimento naquilo que se chamou de “parte principal” desta segunda preleção, chegamos propriamente à *Interpretação fenomenológica do livro X das Confissões*. Neste momento, o texto se constrói mediante a leitura de passagens seletas da obra de Agostinho, nas quais conceitos como os de memória, essência da alma, *beata vita*, cuidado (*cura*) e tentação são abordados e conjugados a temas que aparecerão reelaborados futuramente em *Ser e tempo*, são eles: facticidade, decadência e historicidade.

Diferentemente das primeiras, a terceira e última preleção contida em *Fenomenologia da vida religiosa* é elaborada a partir de notas de trabalho do próprio Heidegger, não

contando, assim, com o benefício das anotações de ouvintes das aulas (neste caso específico: Oskar Becker, Helene Weiss e Franz-Josef Brecht), o que se explica por tal preleção não ter sido apresentada. Isto faz com que *Os fundamentos filosóficos da mística medieval* seja o mais fragmentário dos três documentos. O fato indicado acima, faz com que os próprios editores alemães reconheçam que sua colação consiste em um texto “secundariamente autêntico”. Isto, entretanto, não nos impede de entrever, com esta publicação, as linhas fortes do pensamento do jovem Heidegger e como essas questões frescas reincidentem na obra madura.

As considerações desta apreciação em parte se estendem à edição brasileira, cuja tradução, com certeza, deve ter enfrentado as agruras de verter um autor cuja relação com a linguagem filosófica não é apenas a uma lida técnica mas uma tentativa de tanger o essencial do fazer filosófico. Deste modo, aspectos singulares das interpretações de Heidegger, bem como exigências e peculiaridades apenas presentes neste autor, são desafio a todo exercício de tradução que visa, louvavelmente, permitir acesso a fontes úteis às pesquisas sobre o filósofo em nosso país.